

# Palavras açorianas



São Carlos – Angra do Heroísmo, 2013

---

# Índice

---

Falar do nosso Carnaval.....	1	Equilibrar fará ganhar.....	19
Viva o nosso Carnaval .....	2	Viva a alma serretense! .....	19
Nascer vs Morrer .....	2	Vozes do Fado (o mote) .....	20
São Carlos da ilha Terceira .....	3	Como é viver no Corvo?! .....	20
Biscoitos de lava com Bagos d'Uva	3	A mão.....	21
Bailinho das Cinco Ribeiras na		Manhã dourada .....	22
América .....	4	Saudade dos cheiros... (até de alguns	
Antevendo o Carnaval (sem vírgulas		que nem gostava).....	22
nem pontos).....	4	Um século e dois anos.....	23
Dia de Amigas!.....	5	Palavras de vento.....	23
Tela dourada .....	5	Um mar de emoções.....	24
Bordado em mim.....	6	Ondas de outono.....	24
A Ademar Macedo, o trovador da		Silêncio audível.....	24
Vida! .....	6	VI Aniversário da AVSPE.....	25
de basalto .....	6	Alforge de parágrafos após a festa	
Feliz DIA DE REIS .....	7	serretense .....	26
As contas (com mote e glosas) .....	7	Selo do coração .....	28
Joia do mar, redondilha... ..	8	Ao SAPO em FESTA.....	29
O primeiro de janeiro de 2013.....	8	Se uma lágrima cair.....	29
Às "Memórias de Portugal" de		Parabéns para IARA.....	29
Manuel Ivo Cota e sua equipa .....	9	Lágrimas do Céu.....	30
E as rosas, senhor... E as rosas....	10	Serreta dos meus encantos .....	30
Sentimento ilhéu .....	11	Canto a escrever.....	31
Agradecimento .....	11	Homens sem armas.....	32
Ao lindo "Anseio de Natal" .....	12	Pelo Caneta, de ouro... ..	33
Leituras .....	12	YOSHI .....	35
Rosas de Teresinha... ..	13	O dia de apanhar o milho.....	35
Um postal como um presente.....	13	O dia de apanhar o trevo.....	36
Fazes-me falta... Musa minha... ..	14	Mãe, Maternidade .....	37
Foi-se embora o meu Natal... ..	14	Caminhos de outrora, no tempo da	
Aquarelas portuguesas.....	14	eira .....	38
Antes que as letras se calem... ..	15	Dádiva .....	39
Folhas brancas.....	15	Se me perguntam: - De onde és?..	39
Amor doce, doce Amor! .....	16	Serreta, serra pequena .....	40
Uma certa maneira de orar.....	16	Cai a noite de mansinho.....	41
E se não estou inspirada... ..	17	Entre laços, luzes e fitas .....	41
Afago as letras.....	17	Feliz Natal .....	42
Ao poema "Amizade" de Euclides		Trovas .....	42
Cavaco .....	18	Ó brava PIPA! .....	42
Não sei viver sem o mar.....	18	Velha medonha.....	42

# Falar do nosso Carnaval

---

Entra a minha SAUDAÇÃO  
Sem MARCHA na dianteira  
Pra fazer uma reflexão  
Ao Carnaval da Terceira.

Do cabaz da amizade,  
Sai uma flor para cada um  
Com toda a sinceridade  
Lindo, belo e incomum.

Carnaval para o ser  
No palco da alegria  
Há de o assunto enaltecer  
A rima que sempre o cria.

Vi Bailinhos de seguida  
Pelo sábado e seguinte  
Uns irradiaram vida  
Um ou outro sem requinte.

Vim com amargo de boca  
Com um bailinho da Praia  
Só parecia gente louca  
Que nem sequer se ensaia.

Na bela decoração  
Que a Serreta apresenta  
Vale mais a diversão  
Onde o riso se aguenta.

Bailinho da localidade  
Serreta, terra natal,  
Digo isto sem vaidade  
Brilhou neste Carnaval.

Lindos, bem apresentados,  
Com cantigas altaneiras  
Muito bem caracterizados  
Muito boas as maneiras.

Outros bailinhos também  
Vieram das redondezas  
Todos mereceram bem  
As palmas lá nas altezas.

Meus senhores e senhoras  
Da Terceira de Jesus  
Estivemos até ser horas  
De se desligar a luz.

Há uma luz que conforta  
Há outra que nem por isso  
Entre abrir e fechar porta  
Há quem faça bom serviço.

Por mim estou satisfeita  
Com nosso Álamo Oliveira  
Faz poesia perfeita  
Que ilumina a ilha inteira.

João Mendonça e Hélio Costa  
São os meus preferidos  
Com ENREDOS que se gosta  
Para risos mais garridos.

Lindas vozes tem a ilha,  
Bordadas de tal talento,  
Com acordes maravilha  
Celebrando este momento.

Pandeiros a oito mãos  
De quatro lindas donzelas  
Dos Altares bons cristãos  
Com PRATA festejam elas.

Sinto uma grande alegria  
Vinda do centro de mim  
Pela ilha que nos cria  
Este amor que não tem fim.

Violas, trompas e trompetes,  
Timbres belos e percussão  
No regaço os confetes  
Que abraçam sua missão.

Viva, viva sempre mais  
O Carnaval terçoense  
Agradeço aos jograis  
Do Entrudo que nos pertence.

2012/02/11 (segunda-feira)

# Viva o nosso Carnaval

---

Carnaval, ó Carnaval  
Que disfarças a tristeza  
És o maior festival  
Da lilás ilha portuguesa!

Anda a crise mundial  
A trazer-nos tal fraqueza  
Mas o seio do Carnaval  
Não afeta com certeza.

Na diáspora a nossa gente  
Festeja de igual maneira  
A semente que de cá levou,

Viva todo aquele que sente  
O Carnaval da Terceira  
A Brava Dança que herdou.

## Nascer vs Morrer

---

São muitas horas amargas  
Para aquele que nada tem  
Para outros são mais largas  
Conforme a cor do vintém.

Por entre fardos e cargas  
Que de surpresa nos vem  
Muitos caem das ilhargas  
Do pobre que trata bem.

O futuro é tão incerto  
Como a hora de nascer  
Do menor ao mais discreto.

Mas eu tenho cá para mim  
Que o mais certo é morrer  
E aos dois não se vê fim.

# São Carlos da ilha Terceira

---

São Carlos...

Exala um perfume de faia  
Que vem e desmaia  
No meu coração  
À noite as estrelas  
Sonho puder vê-las  
Na luz da paixão.

São Carlos...

Veste Quintas da ilha  
Na cor que mais brilha  
Na tarde dourada  
O sol faz-se poente  
E deixa aparente  
Uma tela encantada.

São Carlos...

É nome de pai  
É canto que sai  
Ao colo da vida  
E posso afirmar  
Que amo estar  
Onde ela é tecida.

2013/02/02

## Biscoitos de lava com Bagos d'Uva

---

São os Biscoitos de lava  
Uma imagem que se grava  
E nos prende à cultura  
Um sertão de uva preta  
Que se torna a vedeta  
E tira qualquer secura.

São quadrículas de vinha  
Que na colheita adivinha  
Todo o sabor que produz  
Verdes campos desenhados  
De basalto negro talhados  
Nesta ilha de Jesus.

Luís Mendes Brum, amigo,  
Deus esteja sempre contigo  
E nos cachos com muito gosto  
Sejas sempre um bom bago  
E no copo de bom trago  
Se veja o que tens exposto.

Hoje é dia de vindima  
Faço da uva uma rima  
Saboreando a sextilha  
Com a musa adocicada  
Tinjo a rima encantada  
P'los Bagos d'Uva da ilha.

2013/02/02

# Bailinho das Cinco Ribeiras na América

---

Carnaval é passaporte,  
É um laço de união  
Feliz do que tem a sorte  
De levar a Região  
Num laço atado forte  
Com fitas de diversão.

Carnaval é uma estampa  
É verso que não tem tampa  
É rima a encantar  
Na América é capaz  
De acabar com o que faz  
A saudade aumentar.

Sejam todos mui felizes  
Honrem as nossas raízes  
Padrões da ilha Terceira  
Na ida levam abraços  
Na volta os fortes laços  
Apertam doutra maneira.

Carnaval é nosso entrudo  
Um festejo que vale tudo,  
Nada o quebra nada o tira  
Distribui a toda a gente  
A graça que dá semente,  
A cada um que o admira.

2013/02/02

## Antevendo o Carnaval (sem vírgulas nem pontos)

---

passo as noites sem dormir  
neste mundo sem tafulho  
sem saber se vou conseguir  
ter por ele um dia orgulho

querem que eu seja otimista  
dando a volta por cima  
só mesmo tapando a vista  
e abraçando a doce rima

fingindo tudo estar bem  
sorrindo à minha tristeza  
de ver tantos que também  
tem pouco pra pôr na mesa

é uma angústia sem fim  
uma dor e uma amargura  
às vezes já dou por mim  
a pensar na terra dura

não me venham com cantigas  
nem de mim haja uma pena  
sempre houve e são antigas  
penas da vida terrena

peço a Deus que a alegria  
seja pra todos igual  
fazendo uso da fantasia  
dos dias de Carnaval

rica é a ilha Terceira  
de alegria com foguetes  
pandeiro na dianteira  
folhos em lindos corpetes

e a rima nem desentoa  
na voz brava desta gente  
contagia qualquer pessoa  
que tem este amor ardente

além da comunidade  
navega em alto mar  
na diáspora é na verdade  
uma saudade a cantar

2013/02/01

# Dia de Amigas!

---

Tinha tanto para dizer  
Pondo a alma a descoberto  
Mas acabo por não ter  
A palavra com termo certo.

Penso muito na amizade  
Mesmo que ela em mim não pense  
Prezo mais a honestidade  
É em suma a que vence.

Ser honesto é ser amigo  
Podem crer que é verdade  
Se te mando este artigo  
É por te ter amizade.

Amizade vai à luta  
Não se faz sempre em sorriso  
Muitas vezes na disputa  
Encontra-se o que é preciso.

Ser AMIGO afinal  
É muito mais que amar  
É dizer o que está mal  
Sem nunca mal se ficar.

## Tela dourada

---

Resguardando a cidade  
Está deitado o nosso monte  
Com a colcha que lhe há de  
Dourar sempre o horizonte.

Monte Brasil assim se chama  
Por albergar quem o visita  
Até dizem que ele ama  
Angra linda que o fita.

No luar de cada momento  
Vê-se o calor da paixão  
Podem crer que há 100%  
De rescaldo na união.

O calor destes amantes  
Com ambiente dourado  
Tanto agora como dantes  
Vão estar do nosso lado.

## Bordado em mim

---

A escrita que me voa  
No momento eu aceito  
Se parece menos boa  
Noutro dia terá jeito.

Entre vales e colinas  
Entre cardos ou espinhos  
Do sal nascem as salinas  
Do amor nascem carinhos.

Das estrelas nasce o brilho  
Da lua nasce o luar  
Cada verso é um filho  
Que eu ponho a navegar.

Meu valor está na estima  
Em cada linha que crio  
Toda bordada de rima  
Tece enfim todo o meu brio.

Desafio quem quiser  
A contrapor o que digo  
Para a voz duma mulher  
Há sempre outra de amigo.

Bate forte no meu peito  
Algo que na escrita brota  
Seja bom ou com defeito  
Só o tempo dará a nota.

## A Ademar Macedo, o trovador da Vida!

---

Todos viemos para partir  
Conforme diz a doutrina  
Não pedimos para vir  
Mas foi vontade divina  
Que se enfrente a sorrir  
A hora da nossa sina.

Um abraço afetuoso  
Com uma lágrima cadente  
Deus por si será bondoso  
Viverá eternamente  
Poeta maravilhoso  
Com a trova repetente.

Dos Açores, ilha Terceira,  
Da cidade do lirismo,  
Levanto hoje a bandeira  
Do nosso patriotismo  
Vou lembrá-lo a vida inteira  
Em Angra do Heroísmo!

Em vida lhe digo tudo  
Porque a morte não é nada;  
Na verdade e contudo  
A vida é uma caminhada  
Que eleva, sobretudo,  
Quem por Ela é amada.

Nota: Enviado em vida - 2012/11/02

## de basalto

---

De basalto *enegrecido*  
Com perfume de saudade  
Sou assim por ter nascido  
Alma lusa de verdade.

“Ó meu bem se tu te fores”  
Diz sempre que vais de cá  
Desta ilha, dos Açores,  
E melhor que ela não há.

Na *Bela Aurora* nasci  
Voltada para o poente  
Que linda que eu te vi  
E te vejo no presente.

Na curva do mar imenso  
Que em ondas brancas se aninha  
Vejo o teu sal tão intenso  
No basalto que em mim caminha.



# Feliz DIA DE REIS

---

Se o ouro é realeza  
O incenso a oração  
A mirra é com certeza  
Amarga mas com razão.

A mirra para o pecado  
O ouro para a ventura  
O incenso ao nosso lado  
Traz o perfume que cura.

Podem haver muitas leis  
Muitos dogmas e doutrinas  
Para mim Dia de Reis  
Prova que há três oficinas.

Dou ouro ao nascimento  
Incenso para a criação  
A mirra vem no momento  
Que finda a nossa ação.

Esta tese é pessoal  
Quase que autoexame;  
Sejam felizes em geral  
E tenham alguém que vos ame.

Porque de ouro é o Amor  
Só o bem é perfumado;  
Epifania do Redentor  
Revela o Deus adorado.

## As contas (com mote e glosas)

---

**Quando há hora de pedir  
Há bem poucos para dar  
Mas eu hei de conseguir  
Um dia as contas pagar.**

**Quando há hora de pedir**  
Por vezes vejo uma mão  
Que até posso encobrir  
Se pra isso houver razão.

Na nossa era atual  
**Há bem poucos para dar;**  
Está em crise Portugal  
Muita fome se vai passar.

Há poucos hoje a sorrir  
Alegres no seu semblante  
**Mas eu hei de conseguir**  
O que vejo tão distante.

Não há mal que vá além  
Nem o bem pode acabar  
Só há mal para quem vem  
**Um dia as contas pagar.**

2013/01/03

(7 dias)

# Joia do mar, redondilha...

---

Canto à ilha inteira  
E canto à Região.  
Amo a ilha Terceira  
A musa do meu refrão.

Meu fado é doce e quente  
Em constante ebulição  
E torna-se mais ardente  
Nos versos duma canção.

A ilha botão de rosa  
Orvalhada p'la manhã  
É a ilha mais formosa  
Para quem dela é fã.

Nosso querido emigrante  
Lembra da sua morada  
O sonho faz-se constante  
Por voltar à ilha amada.

O amor da nossa vida  
Tem traços da nossa ilha  
Joia do mar sempre erguida  
No colo da redondilha.

Canto à ilha inteira  
E canto à Região.  
Amo a ilha Terceira,  
E amo todo este chão...

## That's the first one!

## O primeiro de janeiro de 2013

---

Às vezes, no recôndito da palavra, ainda me vem à mente o tempo dos caracóis da inocência e deixo-me naufragar no pensamento de que esses dias fixaram âncora na madrugada de minha vida. Recordo que o espelho sempre foi uma peça que me atraía. Um espelho não nos mente mas ilude-nos numa visão ora apoteótica ora apocalíptica. Bastava o deslizar de um pente para ornamentar os fios de cabelo, um sorriso para alegrar o visual e uma palavra jubilosa para encantar todo o rosto. Jamais o rosto da infância se repete mas há traços que ganham melhores contornos se a felicidade marca o tempo de vida. Por vezes, a felicidade ocupa só espaços esporádicos que nem chegam a cimentar tais marcas. O rosto é o tumulto dos dias negros e pesados. O rosto é a brisa fina dos dias simpáticos. O rosto é o véu da saudade. O rosto é a ave dos sonhos e a poesia dos versos que florescem na aurora das letras unidas por momentos reais.

Fui criada com cautelas  
No vale de baixa serra  
Vi passar tantas mazelas  
Aos que baixaram à terra.

Por vezes, as letras ressoam o que a oralidade não diz... Eu sou a polpa do vento onde ainda me invento. Eu sou do mar o regaço na senda de um abraço... Eu sou do céu a cratera que no fundo não sei se me espera... Um dia, quando me for, quero apenas deixar o que fervilhou em mim.

Fui pérola sem diamante,  
Fui concha em terra batida  
E fui a rima constante  
Nos retalhos de uma vida.

No nascimento de novo ano e no seu segundo dia fico absorta em mil pensamentos e volto para vasculhar o que de bom me aconteceu no velho ano que não terminou bem. Foi badalado o “fim do mundo” e, para alguns seres, foi-o.

A vida que nos é dada  
Traz consigo um mister:  
É tão bonita a chegada  
Não finda é como se quer.

E porque a vida é feita de marcas, eis que vos deixo alguns dos títulos que fui criando ao longo do ano de 2012. Sem preocupação de maior, sem querer ser exaustiva, apenas selecionei o que pretendo que chame maior atenção.

Nos caminhos da criação  
Há algumas sentinelas  
Pra serem recordação  
Do que já passou por elas.

## Às "Memórias de Portugal" de Manuel Ivo Cota e sua equipa

---

COTALIVE.COM

Saudade é dor imensa  
Que se prende ao coração  
E torna ainda mais intensa  
A insular saudação.

A todos em especial  
Bem-haja e um Bom Ano  
Às "Memórias de Portugal"  
Meu louvor açoriano!

Saúdo a nossa comunidade  
De saudosos emigrantes;  
Devem saber que a saudade  
Aproxima os mais distantes.

Nesta bela ocasião  
Que maior saudade chama  
Na margem do coração  
Vai rimando quem vos ama.

Dou graças ao Deus Menino  
Pela data que se festeja...  
Seja qual for o destino  
Rogo que conosco esteja.

O amor pelo improvisado  
Na escrita repetente  
Vai para onde for preciso  
Num abraço a toda a gente!

2012/12/26

# E as rosas, senhor... E as rosas...

---

## O BRINDE DA NATUREZA

Linda, alva, perfumada  
princesa de rara beleza  
és por tantos admirada  
és brinde da natureza.

Tens na ela outros tons  
pela manhã orvalhada  
paradigma dos meus dons  
no meu ser foste gravada.

Rosa minha, minha paixão,  
minha paz, minha loucura,  
tomas a cor do coração  
tomas do verso a ventura.

Brava e mansa, minha flor,  
no meu peito tens morada,  
a ti devo tanto amor  
minha pétala encarnada.

O inverno da palavra  
cai na palma da minha mão  
o perfume já me trava  
mas tu não  
flor da vida  
perfumada  
rubra linda  
sempre  
amada

No meu nome  
imortalizada

# Sentimento ilhéu

---

Eu sinto um não sei quê, um não sei quanto,  
Pousada numa tarde cinzelada...  
Pasmei boquiaberta junto à fachada,  
Nada vi que me avistasse algum espanto.

Um não sei quê de fim que dura tanto  
Sem dar transtorno à sorte rascunhada  
Nas linhas breves onde sou amada  
Por quem as lê e salva se vê encanto.

Quando eu sinto, sinto porque sinto,  
E juro que hoje, enfim, juro e não minto,  
Se te disser que foste a minha aurora...

Do tempo que cantei cada palavra  
Do tempo que criei como quem lavra  
O fim que não o foi e que em todos mora.

# Agradecimento

---

2012/12/20

Dou asas à emoção  
Na escrita que há em mim  
Glorifico a tradição  
No que toca ao benjamim.

Paulo Borges é a razão  
Do meu canto ser assim:  
Trompista de coração,  
Tem um novo sopro... Sim!

Louvo a nossa Sociedade  
Filarmónica Serretense  
Linda Banda Terceirense!

Com toda a sinceridade  
Agradeço ao Presidente  
À Banda e à sua gente!

# Ao lindo "Anseio de Natal"

de Clarisse B. Sanches

---

Lindo! Muito lindo amiga!  
Deus sorri pra tua candeia  
Até a mim essa luz abriga  
E a alma me incendeia.

A tua luz brilha ao mundo  
Faz esquecer tanta desdita  
Verso medido e profundo  
Numa quadra tão bonita.

Feliz Natal boa Clarisse  
Que o Menino é contigo  
Sorrindo em tenra meiguice  
Para sempre é teu Amigo.

A todos ao teu redor  
Mesmo poucos sejam bons  
Viva Deus Nosso Senhor  
Benditos sejam seus dons!

## Leituras

---

O que vos quero dizer  
Mesmo que não seja estrela...  
Ao desafio vou responder:  
Será que poderei vê-la?!

Há estrelas que são linhas  
Em livros que a gente lê  
Se as leres nalgumas minhas  
Há de haver algum porquê.

Porque se escreve com fé  
Porque fé é acreditar  
Que a gente tem ao pé  
Estrelas que irão brilhar.

Serreta na intimidade  
Livro de dois mil e onze  
São linhas que na verdade  
Saíram com o meu bronze.

Viva a equipa do SAPO  
Que aloja o meu diário  
Com tanto artigo no papo  
Já parece um escapulário.

Tenham isto em atenção  
E com modéstia aparte  
Se não fosse vossa missão  
Não vinha à luz minha parte.

Não fiquem emocionados  
Porque vocês bem merecem  
Elogios redobrados  
Por tudo o que nos fornecem.

Dar o nosso com humildade  
Não é castigo porém  
Serreta na intimidade  
É vossa leitura também.

## Rosas de Teresinha...

---

Rogo a Santa Teresinha  
Que me depare a paz  
E ponha na quadra minha  
O montante que me apraz.

Rogo à “Doutora da Igreja”  
E à Santa do Universo  
Que a nossa vida seja  
Muito mais que este verso.

Rogo à Santa de Jesus  
Cuja Face me seduz  
De maneira especial...

Que responda ao meu pedido  
Se for digno de ser ouvido  
Pelo Menino do Natal.

## Um postal como um presente

---

Para todo o universo  
Amigos e meus parentes  
Aceitem abraços em verso  
Como se fossem presentes.

As Boas Festas vos dou  
Numa quadra preferida  
Que a manjedoura dotou  
Para quem festeja a Vida.

Festejem com devoção  
Alegria e luzimento  
Sorriem com coração  
Ao Menino do momento.

Deem graças ao Senhor  
A Maria e a José  
E mantenham o calor  
Dos que estão ali ao pé.

Seja a quadra natalícia  
Uma réstia de esperança  
Apreciem a delícia  
Do exemplo de CRIANÇA!

# Fazes-me falta... Musa minha...

---

Musa minha, inspiradora,  
Onde estás que não te vejo?!  
Estás no Sol que a manhã doura  
Ou nos traços de um beijo  
Quando o Sol se vai deitar  
Na almofada do luar!...

Musa minha, dá-me ensejo  
Pra de novo me inspirar  
E viver tudo o que vejo  
Desde a manhã até ao luar.

Musa minha, dá-me paz  
Dá-me luzes de ribalta  
Faz com que eu seja capaz  
De animar quem me faz falta.

Na época que é propícia  
A uma quadra natalícia  
Feliz Natal com o Menino  
Tão festivo e divino!

# Foi-se embora o meu Natal...

---

Vejo um futuro incerto  
Um passado em manjedoura  
Um presente boquiaberto  
E uma saudade vindoura.

Vejo a tela descambar  
Sem o burro e sem a vaca  
Vejo o demo a cirandar  
Com animais na estaca.

Vejo cruces mais de mil  
Vejo fome em surdina  
E vejo no meu perfil  
Uma sombra da doutrina.

Vejo tédio, vejo dores,  
Vejo crianças gemendo,  
E a beleza dos Açores  
Vejo que a estou perdendo.

# Aquarelas portuguesas

---

Dai-me Senhor cores belas  
Para pintar o meu desejo  
De construir aquarelas  
Da forma como te vejo.

Este verso aplica-se a quase tudo o que se faz no dia-a-dia, seja pessoal, profissional ou na sociedade. Um dia, naquele que toca a todos sem exceção, quando me for levarei apenas o sorriso das letras que acolho na mente e deixo voar por esse mundo virtual e/ou real.

Se me encontrares sem alma  
Perdida entre paredes

Deixa apenas uma palma  
Com versos das minhas redes.



Foram redes de prazer  
Amor e dedicação  
Algumas eu quis perder  
Outras guardo no coração.

Foram versos foram cardos  
Foram rimas de ventura  
Algumas tiveram fardos  
De valor e de cultura.

Todo o valor que se dá  
Ao que faz o ser humano

Certamente o bem trará  
Ao povo açoriano.

Os Açores brilham tanto  
Com o seu povo cortês  
Que até em cada canto  
Há um nome português.

Logo assim faço valer  
O meu firme pensamento  
Portugal sempre há de ter  
Aguarelas de talento.

2012/11/23

## Antes que as letras se calem...

---

A minha alma se inflama  
Quando toca a despedida  
Sobretudo para quem ama  
O que faz de bom na vida.

Que não tarde a perícia  
Nem tão pouco a opinião  
Não se perca a notícia  
Do jornal A União.

A crise deita por terra  
Quem quer subir o degrau  
Até as letras enterra  
E julgo que isso é mau.

Andam as pessoas loucas  
Sem saber mais que fazer  
Para calarem as bocas  
Que nada tem para comer.

Mas não calo eu a minha  
Nesta hora do “Adeus”  
Talvez não esteja sozinha  
Na quadra que faço a Deus.

Vinde Jesus e Maria  
Vem Divino Espírito Santo  
Vem tirar tanta agonia  
Às letras que gosto tanto.

## Folhas brancas

---

Nas folhas brancas do peito  
Trago todo o meu amor  
Se as escrever de bom jeito  
Terão logo outro valor.

Nas margens do meu viver  
Vejo um presente feliz  
Só não sei como vai ser  
Se não lembrar do que fiz.

Já fiz tanto por amor  
Porque amar é bem-querer  
Cultivei a minha flor  
No meu jardim de escrever.

E quem poderá regá-la  
Na hora da despedida?!  
Ai quem pudesse levá-la  
Ou sabê-la aqui com vida.

2012/11/17

# Amor doce, doce Amor!

---

Na paisagem do teu olhar  
Está a minha por inteiro  
Desde que te vi chegar  
Ao meu mundo verdadeiro.

És rebento do meu ser  
Bem como os teus dois manos  
Tens como eles, podes crer,  
A gema de açorianos.

A minha alma se inflama  
Por vos ter sempre ao meu lado  
Sinal que a mãe vos ama

O destino seja fiel  
Vos dê coração dourado  
De amor doce como o mel.

# Uma certa maneira de orar

---

Faz-se dura a tempestade  
Que assola a natureza  
Pior que isso é a maldade  
Da crise e da pobreza.

Sempre que um raio de sol  
Amanhece em minha vida  
Faz-me sair do lençol  
Mais alegre e destemida.

Sempre que a nuvem cinzenta  
Encobre o céu anilado  
Faz-me pobre e sedenta  
De um verso mais animado.

Dai-me Senhor cores belas  
Para pintar o meu desejo  
De construir aguarelas  
Da forma como te vejo.

Vejo na mente as raízes  
Das rimas que já cantei  
Foram horas mais felizes  
Que tarde ou jamais verei.

# E se não estou inspirada...

---

## MOTE

SE A TARDE FOSSE MORNA  
E A NOITE AQUECIDA  
O DIA NA CERTA TORNA  
MAIS QUENTE A NOSSA VIDA.

## GLOSA

SE A TARDE FOSSE MORNA  
Mesmo em dia friorento  
É porque o Sol adorna  
Tudo em qualquer momento.

Se a tarde fica quente  
E A NOITE AQUECIDA  
Fica toda a nossa gente  
Com mais saúde e vida.

Mesmo debaixo de sorna  
Se te vem doce o sonho  
O DIA NA CERTA TORNA  
Com o seu ar mais risonho.

E se não estou inspirada  
Nem com tese conseguida  
Importa é ter alvorada  
MAIS QUENTE A NOSSA VIDA.

# Afago as letras

---

Disseram-me poetisa para não morrer  
Um poeta não morre no seu viver  
Afaga as letras, dá-se em palavras, ama,  
Aceita a acendalha de nova chama.

Um poeta não morre no seu viver  
O seu pergaminho o faz crescer  
No rasgo profundo da sua pena  
Faz leve a brisa na pele morena.

Afaga as letras, dá-se em palavras, ama,  
Beija as sílabas e canta-as pela rama;  
Que pena a morte não deixar saber  
Se o poeta volta para agradecer.

Aceita a acendalha de nova chama,  
Nos livros e telas que alguém reclama  
À leitura dos olhares que o tempo esgota  
E ao fim de contas a saudade brota.

Disseram-me poetisa... para eu viver!

# Ao poema "Amizade" de Euclides Cavaco

---

"Amizade" poema lindo  
Uma lágrima vem vindo  
Torvando o meu parco olhar  
Consegui ouvir sua voz  
Que vem suave até nós  
Com Amizade a embalar.

E dei comigo a pensar  
Não sem antes questionar  
Onde anda a amizade?!  
Hoje tudo é tão veloz  
Que só mesmo a sua voz  
Traz paz à comunidade.

Por lhe ter muita amizade  
Digo-lhe também à vontade  
Que Euclides é o herói  
Da amizade que comunga,  
Não de exalta nem resmunga  
Porque é bom e sempre foi.

Meu abraço nesta hora  
Vai por esta rede fora  
Para longe como se perto  
Em uníssona amizade  
Levasse solidariedade  
A quem nos dá hino certo.

## Não sei viver sem o mar

---

Não sei se acontece a toda a gente mas a mim sei que acontece e me pergunto muita vez: porque o mar nunca para? Umaz vezes calmo, outras vezes cavado a grosso, outras, ainda, impaciente e revoltado, mas nunca para, nunca descansa. Assim sou eu. A minha mente é um mar em constante movimento. Há de haver sempre uma coisa que chame a atenção ao pensamento. Neste momento estou a matutar numa ideia que me atormenta e nem posso deitar cá para fora para não me acusarem de andar sempre sem descanso da mente. Uma mãe é como um barco que se lança ao mar numa viagem de longa duração. Encontra mar calmo e revolto. Encontra peixe miúdo e graúdo. Nem quando chega a noite para dormir descansa... A mente está sempre alerta num sono sonhador a tender para o pesadelo, numa comunhão cerrada com outros que a circundam. Então, para me distrair do pior volto-me para o mar e digo:

Não sei viver sem o mar  
Ando sempre a naufragar  
Aquém do louro horizonte  
Sou ilha em parapeito  
Com o mar cercando o peito  
Acenando ao alto monte.

Não sei viver sem o mar  
Mesmo sem saber nadar  
Encanta-me aquele vaivém

Na ondulação perfeita  
Há marés que estou sujeita,  
Mas do mar eu gosto bem.

Não sei viver sem o mar  
Sem o ver e abraçar  
Na espuma nos rochedos...  
É com ele que eu sonho  
E ao seu lado me ponho  
Tentando arrumar os medos.

Não sou de mim, sou do mar...  
E sempre o hei de amar!

## Equilibrar fará ganhar

---

Se quiser bom conselheiro  
Para um problema comum  
Aumente o nosso dinheiro  
E vai ver que sobra algum.

A ver pela atualidade  
Muita gente a reclamar  
É prova que a sociedade  
Está toda a afundar.

O buraco é tão fundo  
Que nada o vai tapar  
Pode até correr mundo  
Mas ele vai acompanhar.

Haja equilíbrio na receita  
E na despesa correntes,  
Fica a gente satisfeita  
Com o melhor dos presentes.

Seja em prosa ou em rima  
Peço que haja prudência;  
E tudo o que está acima  
Foi escrito sem violência.

A violência nos lesa  
Quando a fome vem à tona  
E também muito nos pesa  
Quando alguém nos abandona.

## Viva a alma serretense!

---

A Serreta foi meu berço  
E foi anel de união  
Aprendi a rezar o terço  
Fiz primeira comunhão.

Hoje volto àquele local  
Sou sempre bem recebida  
Na Sociedade e em geral,  
Por todos sou acolhida.

Devo louvar com fervor  
E honrar minha raiz  
Onde a Mãe do Senhor  
Me lança um ar feliz.

Sua frente imaculada  
Irradia a doce paz  
Quem responde à chamada  
Muito mais a satisfaz.

Quando volto ao meu torrão  
Regresso mais animada  
Ele me dá inspiração  
E lanço a quadra rimada.

A todos da Sociedade  
Filarmónica tão querida  
Estrela da comunidade  
Que nos dá ânimo e vida.

Que sejam muito felizes  
Músicos e toda a Direção  
E a família, suas raízes,  
Zelando pela tradição.

Um abraço mui contente  
Do fundo do coração  
Viva toda a nossa gente  
Que hoje canto com emoção.

## Vozes do Fado (o mote)

---

O fado é uma constante  
Com vozes de redondilha  
Que lembra o emigrante  
Quem vem e quem sai da ilha.

Fado à ilha devotado  
Com bordados de lirismo  
Que anda por todo o lado  
Em odes de heroísmo.

Fado de alma e coração  
Hino de uma oração  
Feita lágrima ou sorriso...

Dedilhado da guitarra  
Ao coração se agarra  
Com letras do improviso.

## Como é viver no Corvo?!

---

[À pequenina ilha açoriana]

De Santa Maria ao Corvo  
Passando por São Miguel  
E para não dar estorvo  
Vou em barco de papel.

Olho as garças uma a uma  
Nas asas de cor anil  
A ver se vejo alguma  
Que seja do mês de abril.

Mas de rosas eu me cubro  
Em tom de felicidade  
Porque estamos em outubro  
Douradas são de verdade.

As folhas também se douram  
Quebradas pelo outono  
Quantas delas já se foram  
Durante o sonho e o sono.

E na alma destas ilhas  
C'roadas de nove cores  
Vejo nove maravilhas  
De tradições e sabores.

Sabe tão bem a cultura  
De um verso marulhado  
No terreiro da aventura  
Em basalto retalhado.

Se hoje estou inspirada  
Não há vento que me cale  
Pode ser que seja nada  
Mas com pouco tudo vale.

Sou da ilha de Jesus  
Sou filha de um rebento  
Que tomou a sua cruz  
E no fim deixou talento.

Com esse dom resolvi  
Escrever versos de paz  
Que saíram já daqui  
Em hora que satisfaz:

Não vos quero incomodar  
Nem tão pouco dar estorvo  
Só queria perguntar  
Como é viver no Corvo?

De manhã tudo em surdina  
Excetuando os chilreios  
Cantando a Graça Divina  
Nos lares com mais asseios.

E os corvinos bem-dispostos  
Com chaminés fumegando  
Deixando tudo a postos  
Para alguém de vez em quando.

E a saudade como é?  
Como se tinge a cultura?  
No que toca a vossa fé  
O que se faz porventura?

Desta que rima a Terceira  
E as ilhas todas a oito  
Também faz por brincadeira  
As quadras que lhe dá jeito.

Um abraço no que lê  
De amizade virtual  
Talvez chegue dia em mês  
Que tal possa ser real.

## A mão

---

Não chores pelo que dás  
Em nome da Santa Mãe  
Porque é Ela que te traz  
O melhor que te convém.

O que dou vem pela alma  
E trespassa o coração  
Tonifica e dá a palma  
Ao verso que tenho à mão.

Há mão de sabedoria,  
Há mão que apazigua  
E há aquela que cria  
Outras como a minha e tua.

É a mão da nossa Mãe  
Que indica o caminho  
Da piedade e do bem  
Do amor e do carinho.

Quando algo te sobeja  
É na mão que vai cair  
Para dar ao que esteja  
Sem meios para subir.

Há quem nasça na Serreta  
Com versos da mão caindo;  
Há quem esteja na valeta  
E ande sempre sorrindo.

# Manhã dourada

---

Sinto-me tão consolada  
Quando estás a meu lado  
'Inda mais que a madrugada  
Traz o nascente dourado.

A madrugada ilhoa  
Que São Carlos já avista  
Traz um sol que nos ecoa  
E bom sorriso conquista.

Uma manhã como esta  
Na paisagem soberana  
Faz nascer em nós a festa  
Beirando o fim-de-semana.

E há gente que me convida  
A trilhar minha raiz  
Com belo sol que dá vida  
E também nos faz feliz.

# Saudade dos cheiros... (até de alguns que nem gostava)

---

Da outra natureza;

Dos campos de trigo ceifado;

Da panela de ferro ao lume de lenha;

Da chaleira com água a ferver para amolecer as penas do frango da capoeira;

Do torresmo derretido pela brasa de um fogo sério, mexido com um colherão de pau;

Da tripa lavada e esfregada com um punhado de salsa, de cebola em rama, de farinha e sabão “macaco” e água cristalina de fartura pelas arquinhas da nossa canada;

Do sarapatel feito pela mão da minha madrinha e da morcela a fumegar ainda;

Da feijoada com ingredientes do porco farto que se havia dependurado no tirante da casa, convidado a vizinhança para apreciar o bom naco de toucinho depois de muito bem lavado e posto a jeito de quem o quisesse ver (e comer numa refeição de bradar aos céus de satisfação);

Do pão lêvedo, estendido por riba da mesa da alegria, enfarinhada de esperança, para ir para o forno, de bordas escarlates, no ponto da boa cozedura, na pá da abundância...

E hoje que cheiros tenho?

Nem vos conto...

Nem vos conto...



# Um século e dois anos

---

Depois duma tempestade  
Com Nadine retornada  
Temos uma solenidade  
Com a Bandeira revirada.

Virem tudo meus senhores  
E tirem sem coração,  
Já se ouvem os tambores  
Pra nova revolução.

Portugal está faminto  
De dinheiro e de valores  
Deixam água por absinto  
Para sumirem as dores.

É fácil a conversão  
Destes males sem tafulho  
O "coelho" vira João Ratão  
Que no tacho deu mergulho.

No Tacho o povo não está  
Sem lume já foi cozido  
Por isso aconselho já  
Não repitam o mal cometido.

Será daqui a uma semana  
As cruces da eleição  
Cada ilha açoriana  
Tenha vergonha então  
Dê outro uso à catana  
Não dê coelho à refeição.

# Palavras de vento

---

Abrem-se portas ao desespero  
Catapultam risos de vergonha  
Acendem-se rasgos de tédio  
Cortam-se esperanças novas.

Abrem-se covas sem fundo  
Criam-se ares de bruma;  
Plantam-se achaques tamanhos  
Na serpentina do ser.

Moldam-se tardes de pranto  
Em horizontes de anil  
Cavam-se dores de vidro  
Nas mentes que nada tem.

Dobram-se planaltos, colinas,  
Ravinas de sonho empedrado,  
Soltam-se amarras modernas  
Perdidas de alma e sorte.

E eu? Que faço aqui?  
Bordando palavras de vento?  
Sonhando deserta do tempo  
Na palma da mão marulhada...

E tu? Que fazes além?  
Olhando os ares de vulto  
Manhãs coroadas de espanto  
No canto da sã madrugada...

# Um mar de emoções

---

É o São João da ilha Terceira!  
Brinda seu balão a ilha inteira  
Pasma o escarlata do meu coração  
Quando sai à rua em mar de emoção.

Rosto d'água, maré viva de cultura,  
Onda de beleza, sorriso em fartura  
No cais da saudade à proa da festa  
Não há noite, não há noite como esta.

A valsa do mar que abraça a terra  
Bravo coração que o canto descerra  
Junta-se à folia da gente em tourada  
E o toiro investe por tudo e por nada.

Viva, viva, viva o São João  
Na rua, no palco do meu coração!  
No céu da ternura  
Um mar de emoções  
Que hoje figura  
Unindo as nações.

Vem comigo vem  
Dá-me a tua mão  
Na festa que tem  
A brava paixão!

# Ondas de outono

---

Ai tanto que já vivi  
Nos retalhos desta vida;  
Ai tanto que já senti  
E sinto quando querida.

A vida é um alçapão  
Com a frincha pouco aberta  
Por vezes cabe uma mão  
Outras também a aperta.

No aperto da doçura  
É que eu quero viver  
Ondulada de ternura  
Por quem me está a ler.

Para ler rima ou prosa  
Bordada de sentimento  
Pode procurar-se a Rosa  
Que ama a 100 por cento.

# Silêncio audível

---

Tingo-me de silêncio. Um rio de lágrimas humedece o teclado da saudade paralisada no tempo bondoso. As palavras fogem para o abrigo da mente que se quer animada na canção de embalar. Os olhos quedam-se numa visão de sonho com alma. E a rima?! Onde está a gentil rima que adoça o turbilhão de escritos pausados?! Se porventura a rima der lugar à pacífica prosa moldada pelo requinte de letras num amontoado de emoções, pois que venha ela vestir-me da novidade que avista um alargamento do conforto textual.

Tingo-me de caracteres mundanos e profanos com um sentimento novo como que esperançoso de alegria interna. E os políticos teimam em aumentar o imposto vadio em detrimento do aumento do salário-nosso-de-cada-dia. E como ficamos?! Com a saca vazia dos ingredientes do bem-estar, famintos e sequiosos do resplandecer dos dias futuros. Que serão dos nossos filhos e netos?! Saberão recuperar a luz de petróleo? A griseta? A panela de ferro fundido? A sertã da faceira do suíno deposto no banco de madeira à mercê do tratamento manual de limpeza para que, finalmente, seja pendurado no tirante de um recinto à prova de cheiros e sabores (biscoitos de manteiga feita em casa, aguardente, anis traçado, licor de amora e de casca de laranja, suspiros, figos passados). Saberão os nossos filhos lavar a roupa na pia cheia de águas trazidas nos baldes à anca, posta a corar num verde aveludado do terreno sobranceiro à casa da chaminé de mãos-postas?! Saberão os nossos filhos amassar farinha, fermento, água, leite, ovos, açúcar, sal, ao ponto de se deliciarem com o forno escaldante de labaredas felizes com a devolução de um pão sovado a gosto cujo paladar sai airoso numa recomendação plural?!

Tingo-me absorta em pensamentos que me trazem lembranças passadas e que não gostaria que voltassem. Abro a torneira da alma e, gota-a-gota, encho o copo da ternura numa ovação a tantos e tantas que sentiram na pele todo o trabalho que ninguém quer viver no presente. Bem-haja quem nos gerou, criou e legou o melhor que tinha. E hoje o que iremos legar?! Um amontoado de caracteres tingidos de ironia e silêncios partilhados num novel mundo, sem cheiro nem sabor, onde ainda se pode cultivar a palavra AMOR.

## VI Aniversário da AVSPE

---

Parabéns Academia Virtual  
Sala dos Poetas e Escritores  
Bem-haja de Portugal  
Da Ilha Terceira - Açores.

Pra toda a comunidade  
Com contornos de alegria  
Abraços de amizade  
Bendizando este dia.

Dezassete de Setembro  
Do sexto aniversário  
Desde que entrei eu lembro  
Celebrar o calendário.

Parabéns à Fundadora  
Poetisa Efigênia Coutinho  
E a toda a classe defensora  
Desta Sala de carinho.

Parabéns, felicidades,  
Neste que é o sexto ano;  
Novo Portal variedades  
Com visual soberano.

A todos o meu abraço,  
Com um sorriso de afeto  
Sou feliz neste espaço  
De poemas predileto.

# Alforge de parágrafos após a festa serretense

---

Voltei ontem à minha residência (14 setembro 2012). Depois de desmontar malas, sacas e saquinhos, estafei de tal forma que a cama foi o local de remédio santo. Vieram comigo os ares de saudade, o perfume de flores garridas do altar e ruas da Santa Senhora, os abraços de uma despedida de “até breve” e a forte convicção de que jamais se viu uma Festa da Serreta tão apetrechada de maravilhas.

No dia 4 de setembro, terça-feira, abalámos com tudo o que podíamos levar para a moradia temporária do Ti João. O recinto para dormir ficou completo com dois colchões a lastro e uma cama para uma pessoa. Visitámos a Senhora dos Milagres na novena dos *Motards*. Já se sentia um perfume festivo. Chegado o sábado fez-se os arcos, tive o meu momento de apresentação da festa com reações positivas que me deixaram sorridente, complementando-se o sábado com um filme alusivo ao “antes e depois”, o concerto da Filarmónica Recreio Serretense e o fogo preso. O domingo foi por excelência o dia em que a Serreta teve um mar de gente no percurso da procissão e as canções na noite com “Os D’Banda”, em que Fábio Ourique deu largas à sua bonita voz. Antes desta atuação, tivemos ocasião de presenciar danças de salão em plena rua, atapetada de vermelho, com o brilho de crianças, jovens e adultos. Um espetáculo que ficará na lembrança por aquelas bandas. Adorei!

A tourada do pico da Serreta, na segunda-feira, foi a minha e de outros atrativa para manter uma tarde animada, que se completou na noite com a excelente atuação do grupo “Fado Madrinho”, depois da Orquestra de Cordas da Academia da Juventude da Ilha Terceira. Esta não cheguei a ouvir devido ao nosso atraso.

Mas foi a terça-feira, de manhã (até a chuva não aparecer e fazer o pessoal regressar ao lar), que o Bodo-de-Leite nos cativou a atenção com três carros alegóricos projetados e elaborados por César Toste e Paulo Gregório, respetivamente, com o apoio de muitos ajudantes. Fui com traje antigo numa carroça que nos pregou um pequeno susto durante o percurso inverso, uma vez que o cavalo aborreceu-se e teimava em não seguir viagem. De resto, foi uma maravilha nunca vista na Serreta, para comemorar os 150 anos da freguesia da Serreta, com direito a merenda e bolo de aniversário de propósito para repartir pelos presentes. O resto foi de chuva e adiamento do retorno dos carros alegóricos para a quinta-feira à noite.

A excursão ao mato, na quarta-feira, foi recheada de alegria, música, cor, brincadeiras, rodas, canções do passado, churrascada e muita pinga do garrafão. Algumas horas se passaram à volta da escolha dos toiros (4) para a corrida no caminho junto ao Santuário da Senhora dos Milagres. Já começava aquele sentimento de saudade e pena por estar a chegar-se o fim da festa. À noite, a cantoria foi de bom nível e prendeu-nos a atenção até para lá da meia-noite. Oito cantadores escolhidos, João Pinheiro e José Eliseu, “Santa Maria” (o Carlos Andrade) e Fábio Ourique, Valadão e José Santos, Maria Clara e António Isidro (de São Jorge), por esta ordem, fizeram brilhar os seus dons perante uma assistência ávida por descobrir o melhor momento. Os primeiros fizeram-me correr as lágrimas, sobretudo na parte final, e os últimos têm mais encanto perante os ouvintes, pela juventude e graciosidade.

A quinta-feira já se esperava melhoria de tempo que teimava em molhar pequenos e graúdos, conforme é habitual naquele lado da ilha. Após a vacada no Pico da Serreta com a prata da casa, sucedeu-se o retorno do cortejo de carros alegóricos que culminou com fogo-de-artifício a sair do carro comemorativo dos 150 anos. De seguida, veio a surpresa de um grupo da ilha Graciosa que cativou a todos os presentes, que dançaram e divertiram-se até de madrugada. À meia-noite da quinta, foi para o ar uma surpresa

anunciada: fogo-de-artifício pelo céu da Serreta que me fez lançar gritos de emoção com aquela magia de cor e som. Após esta maravilha, o grupo da Graciosa continuou os seus cantares mágicos para os nossos ouvidos e pés.

Na volta à casa que nos hospedou, fui chamada a receber uma oferta com palavras de gratidão da comissão de Festas da Senhora dos Milagres da Serreta 2012, nomeadamente por Dimas Romeiro, ladeado pelos restantes mordomos: Dora Pavão, Eva Silveira Alves e Rogério Valadão. Despedi-me de cada um com o sentimento de dever cumprido e muita grata pelo tributo que me fizeram ao levarem a efeito um sonho que já acalentara há muito. Modéstia à parte, vi desfilar as minhas criações perante os residentes, os emigrantes e os visitantes de outras freguesias da ilha.

A dor que tive foi ver que alguém (ou alguéns) destruiu partes dos carros alegóricos que ficaram em exposição junto ao Santuário da quinta para sexta-feira. O que é feito com amor e dedicação nunca se deve destruir sob pena da consciência do destruidor ser um martelo dilacerante para o resto da vida.

Tudo o que vi, ouvi e assisti, quer no Santuário quer fora dele, fez-me pensar que a Serreta é e será sempre a nossa identidade natural, o nosso ponto de encontro e uma marca indelével na devoção e na tradição que perdura para os vindouros.

Escrevi alguns parágrafos mas sinto que não há palavras que transmitam a minha felicidade do dia 4 a 14 de setembro, na minha freguesia natal. Não há palavras que agradeçam o suficiente à Comissão das Festas, ao amigo lajense – César Toste, bem como a Paulo Gregório, que seguiu com emoção toda a sua obra em prol do sucesso festivo...

Agradeço à prima Neves Ávila, à filha Ana Sofia Ávila e à sua Kika, alguns dos bons momentos passados em conversa agradável.

Agradeço a toda a minha família que me acolheu e à que veio em visita de saudade.

Resta-me deixar apenas uma expressão sem prazo de validade:

Amo-vos! Amo a Senhora dos Milagres e a “minha” Serreta!

Até para o ano, se Ela quiser.

# Selo do coração

---

Não sou ramo de orgulho  
Nem tão pouco sou vistosa,  
O certo é que dou tafulho  
Ao nome que tenho: Rosa.

Se contar os meus espinhos  
Ao longo de uma vida,  
Entre eles há carinhos  
E também muita partida.

Quando parte uma tristeza  
Logo chega uma alegria...  
Sou ilhoa portuguesa

Sinto isso em demasia;  
Ao colo da natureza  
Beijada p'la luz do dia.

\*\*\*\*\*

Vem aí, se Deus quiser,  
Motivo para ser feliz:  
Vou honrar o que souber  
Com pergaminho que fiz  
No ato haja o que houver  
Penso selar tal raiz.

Há um selo no batistério,  
E outro na Comunhão,  
Mas também há um mistério  
Porque algo falha então;  
Na frente daquele Império  
Irei abraçar meu chão.

E nos ares, a meu lado,  
Alados de emoção,  
Lembrarei os do passado  
Dando força à minha ação  
Ficará assim legado  
O selo do coração.

# Ao SAPO em FESTA

---

17 anos depois

Começaste em noventa e cinco,  
Eu entrei em dois mil e quatro;  
Vou-te seguindo com afinco  
Rima e prosa é meu teatro.

Aos poucos fui conhecendo  
A tua sopa de ação  
E de artigos fui crescendo  
Até quase à exaustão.

Comemoras os dezassete  
No Continente e Regiões  
Mas em termos de internet  
Chegas a todas as nações.

Parabéns dou nesta hora  
Com a maior alegria  
A ninguém deixas de fora  
Há cidade, vila ou freguesia.

SAPO hoje veste as OPAS  
Com grande satisfação  
Ao baralhar dá de COPAS  
Com amigos do coração.

E se estas não agradarem  
Saídas de improviso  
Servem apenas para darem  
Louvores com um sorriso.

Viva, viva a plataforma  
Dum serviço nacional;  
Creio que está tudo em forma  
Numa festa universal!

Mando beijos e abraços  
Nas linhas sempre a oito  
Fazes parte dos meus passos  
És o meu amor-perfeito.

# Se uma lágrima cair...

---

Se uma lágrima cair  
Do rosto pró coração  
Não importa deixa seguir  
É uma forma de oração.  
Esteja sol ou esteja lua  
Quando oramos a chorar  
Sobe ao alto e mais atua  
Nossa oração no altar.

E quem não souber orar  
Sorria a bom chorar.

# Parabéns para IARA

---

Este lindo dia te traga  
Com a doce mocidade  
Um abraço que afaga  
A festa da natalidade.

Parabéns amiga Iara  
Marca hoje teu calendário  
A distância nos separa  
No dia extraordinário  
Mas meu desejo não para:  
Um Feliz aniversário!

# Lágrimas do Céu

---

Anda um pobre encharcado  
Daquilo que já nem tem;  
Anda o sonho derrubado  
Pela falta do vintém.

Anda o clero e a nobreza,  
Anda o povo lado-a-lado,  
Todos abraçam a tristeza  
De um céu acinzentado.

Há o adeus do Povo ilhéu  
A um Bispo que foi emérito  
De um sorriso circunscrito.

E as «Lágrimas do Céu»  
Fustigam odes de preito  
Com sinos tocando a oito.

# Serreta dos meus encantos

---

Um padre [x] de outra idade  
Fez na Canada das Vinhas  
Ninho da solenidade  
Por entre as ervas daninhas.

Tricinquentenário fez  
A subida a freguesia;  
Logo no primeiro [\*] mês  
Do Curato então saía.

Mais antiga do torrão  
É também a Filarmónica [f]  
Que enfeita a Procissão  
Numa alegria harmónica.

Santa Mãe de porta aberta,  
Para o povo peregrino;  
Sua Graça nos desperta,  
O amor pelo Divino.

No sopé do Santuário  
Há fé, encanto e luz;  
Junto ao divino Sacrário [s]  
Reina a Flor de Jesus.

Destinada para amar  
Maria, a Mãe amada  
Quando volta ao Altar  
É, por todos, aclamada. [h]

Pelo caminho que passa  
Abençoa todo o Povo  
Quando dá a volta à Praça [+]  
Seu rosto brilha de novo.

Vai nossa Banda tocando  
Melodias de outrora...  
A natureza vibrando  
Com gente que vem de fora. [e]

Mata em brisa matinal  
Num oásis de chilreios  
É um dom celestial  
Que alegra nossos passeios.

No mirante a Estalagem [++],  
Lá no alto a Lagoinha  
E p'ra quem vem de passagem  
O Altar da Mãe Rainha.



Mais antiga do torrão  
É também a Filarmónica [f]  
Que enfeita a Procissão  
Numa alegria harmónica.

Santa Mãe de porta aberta,  
Para o povo peregrino;  
Sua Graça nos desperta,  
O amor pelo Divino.

Pelo caminho que passa  
Abençoa todo o Povo  
Quando dá a volta à Praça [+]  
Seu rosto brilha de novo.

Vai nossa Banda tocando  
Melodias de outrora...  
A natureza vibrando  
Com gente que vem de fora. [e]

Importa ainda louvar  
O povo da freguesia  
Quem foi e quem quis ficar  
Nos retalhos de cada dia.

Àqueles que já partiram  
Deixando eterna saudade, [p]  
Certamente conseguiram  
Ver a Mãe da eternidade.

2012/08/29

Anotações:

[x] Isidro Fagundes Machado nasceu na freguesia de Santa Bárbara em 1651 e morreu em 1701 na Serreta, junto da imagem da virgem e da pequena capela que erigiu na sequência do seu eremitério

[\*] 01/01/1862

[f] Fundada em 4 de dezembro de 1873. Conta nesta data com 138 anos.

[s] Há alguns anos a esta parte que se vê florir um autêntico Jardim da Senhora junto ao Altar-mor o que é de louvar e bendizer. As flores e os cantares dão alegria aos ares.

[+] Praça da tourada tradicional da segunda-feira da Serreta que é habitual ter tolerância de ponto para toda a ilha Terceira.

[h] Todas as vozes, letras e melodias são o melhor Hino à Virgem, com o novo Hino com letra de Álamo Oliveira e música de Antero Ávila.

[e] São os emigrantes que voltam num abraço apertado e um sorriso esbugalhado de emoção, são os residentes doutras freguesias mas com naturalidade legítima da Serreta e são todos os que podem ir da ilha ou fora dela.

[++] A linda Estalagem da Serreta está em completa ruína. Foi um monumento emblemático para a zona e uma atração turística ao longo de muitos anos. Hoje é propriedade privada à espera de uma obra renovadora total.

[p] Julgo que para a Festa da Senhora dos Milagres não há luto na parte religiosa. Eventualmente poderá haver alguma timidez na parte profana mas tudo isso depende do critério pessoal. Estamos a festejar aquela que intercede junto de Deus pela nossa salvação. As lágrimas também são uma oração quando não se consegue orar por palavras, canto ou silêncio meditativo.

A minha forma de orar é a rima abraçar por quem me quis doar.

## Canto a escrever

---

Sempre que canto a escrever  
Entre quatro paredes meias  
Acabo por acender  
Uma chama nas minhas veias.

Minhas veias a compasso  
Regadas pelo coração  
Deixam sempre em meu regaço  
Um amor, uma paixão.

O amor é duradoiro  
A paixão assim não é  
Tudo o que luz não é oiro  
Mas é uma prova de fé.

Tenho fé porque acredito  
Foi sempre o meu feitio  
Que um dia será favorito  
Meu canto ao desafio.

Ainda não chegou a hora  
Digo isto na certeza,  
De cantar p'lo mundo fora  
Sem deixar minha portuguesa.

Ao toque de um botão  
Acionando teclas e som  
Irá fora da Região  
Este nosso e meu dom.

Não escrevo com vaidade  
E no canto muito menos  
Sou do campo vim pra cidade  
Nenhum tem de mais e menos.

Movida pela emoção  
Ancorada à escrita  
Terei sempre uma oração  
À minha Mãe favorita.

Cada ser e cada gesto,  
Cada coisa e sentimento  
Abundante ou sem resto  
Terá sempre algum talento.

Porque Ela me comanda  
Sem eu sequer lhe pedir  
(Uma Mãe nunca se manda)  
Já sei o que vou ouvir.

Filha minha, alma ancorada  
À tua terra natal  
Dei-te uma caminhada  
Pra cumprires um ideal  
Por quem sofreu na estrada  
Para o bem celestial  
Um dia vais ser chamada  
Ao canto regional  
Não negues por tudo ou nada  
Toma o rumo original.

## Homens sem armas

---

A vida é passageira  
Há sempre um dia só  
Mau grado ter-se à beira  
Muita pena, risco e dó.

Dói sobretudo saber  
Que no mundo habitável;  
Há tanta gente a morrer  
Pela arma condenável.

Deixem que chegue a hora  
A que todos temos vez  
Não façam do ser agora  
Um crime sem mais porquês.

A vida é preciosa  
Seja pobre ou seja rico  
Do botão nasce a rosa  
Do espinho nasce o pico  
Fiquem com rima ou prosa  
Que a todos hoje dedico.

# Pelo Caneta, de ouro...

---

I

Em vida me aconteceram  
Coisas boas e coisas más  
As boas sobreviveram  
As outras ficam para trás.

Vivi rindo e chorando  
Sonhei quase o tempo todo  
Destaco o que fui amando  
Pelas festas, pão e bodo.

E foi graças ao Pezinho  
Poucas vezes, à Cantoria,  
Que a cultura, com carinho,  
Me deu nova autoria.

Livros são páginas belas  
(E à leitura me convida)  
São guardiães, sentinelas,  
Que atestam a nossa vida.

III

E fui, ontem, ao Raminho,  
À sua Sociedade,  
Onde foi dado carinho  
A quem está na eternidade  
Seu sorriso veio, a caminho,  
Unir-se à festividade.

“Caneta de tinta permanente  
Na poesia popular”  
Homenagem doce e quente  
Ao cantador exemplar  
Que reuniu tanta gente  
Mesmo sem vivo estar.

As quadras e as sextilhas  
Voaram de boca em boca  
Chegarão às outras ilhas  
A mensagem não foi oca  
Só se ouviram maravilhas  
Tanta cantiga foi pouca.

Para um cantador ilhéu  
Do Raminho regedor  
Que tirou o seu chapéu  
À rima do seu amor  
Conforta saber que o céu  
Fez-se em livro de valor.

II

Do punhado que já li  
Retirei nobres lições  
E muito mais aprendi  
Com um mar de emoções.

Não pensem que faço mal,  
Volta e meia escrever,  
É o ramo cultural  
Que estou a defender.

Defendo os cantadores  
Os poetas populares  
E também os tocadores  
Que alegam os seus ares.

Foram beijados os ares  
Com palavras ritmadas  
Inspirados em salutares  
Proezas antepassadas.

IV

Nosso Álamo Oliveira  
Poeta maior que tudo  
Esteve à mesa, em cimeira,  
Nesta noite foi sortudo,  
José Eliseu à maneira  
Quase que o deixava mudo.

Este nosso cantador  
Poeta de boa imagem  
Eliseu é conhecedor  
Desta bendita romagem  
Elogiou o autor  
E tudo o mais com coragem.

A noite com luz e brilhos  
Entrelaçando gerações  
Com os netos e os filhos  
Coroados de emoções  
Por seguirem os bons trilhos  
Do avô e pai das canções.

Seja feito o registo  
Da nossa arte popular  
Por mim faço e não desisto  
De a todos divulgar  
A ilha de Jesus Cristo  
E sua cultura secular.  
2012/08/24

Inspiração do dia seguinte ao lançamento do livro  
dedicado a Manuel Caetano Dias (o Caneta)  
nascido em 11 de agosto de 1917  
com partida em 22 de agosto de 1991,  
aos 74 anos de idade.  
Passados vinte e um anos da sua morte e  
noventa e cinco do seu nascimento  
teve a festa póstuma merecida,  
na Sociedade da freguesia do Raminho,  
concelho de Angra do Heroísmo  
ilha Terceira – Açores

**Sobre a Festa de lançamento do livro "Caneta de tinta permanente na poesia popular", na Sociedade do Raminho a 2012/08/23**

**Caneta de gerações  
Delegando a poesia  
Aquecendo os corações  
Muito além da freguesia.**

A primeira que cantei  
No palco do bom Raminho  
Com gosto elogiei  
Nossa gente com carinho.

**Caneta de fina escrita,  
Que sinto à minha beira  
Na mensagem favorita  
Do nosso Álamo Oliveira.**

A segunda antes do final  
Entre vinte e tal cantadores  
Numa noite especial  
Num lançamento de valores.

**A Senhora da Serreta  
Nos enfeite de alegrias  
Tire qualquer nuvem preta  
Das vozes e melodias  
E ao lado do Caneta  
Dê felicidade à família Dias.**

Ouvi filho, neto e filha  
Do popular cantador  
Foi mesmo uma maravilha  
Emoção levada a rigor  
É património da ilha  
E de quem lhe tem amor.

# YOSHI

---

Gato que me foi doado  
Em agosto está crescido  
Corre e brinca em todo o lado  
É um gato destemido.

Yoshi é o nosso amigo  
Perfeito de estimação  
Ele agora está comigo  
Gosto dele com coração.

Peço ao protetor dos felinos,  
Não importa quem ele seja  
Que o livre de maus destinos...

Seja manso, amigo leal,  
E que sempre bem esteja  
Ninguém ouse fazer-lhe mal.

## O dia de apanhar o milho

---

*Para falar de coisas antigas  
Não há por onde começar  
Mas tirando as silvas e ortigas  
Eu sei que não me hei de picar.*

*Eu vou falar só de uma coisa  
E do assunto não me desviar  
Minha mão no teclado poisa  
Já posso a história começar.*

*Naquele tempo que já lá vai  
No dia de apanhar o milho  
Cedo se levantava a mãe o pai  
E iam acordar também o filho.*

*Se tinham mais do que um  
Isto é que era uma beleza  
Não pagavam a nenhum,  
Não faziam muita despesa.*

*Se outros tivessem de contratar  
O que muitas vezes acontecia  
O jantar tinha que lhes dar  
Além de lhes pagar o dia.*

*Mas lá iam todos contentes  
De manhã pela fresquinha  
Mas por dentro estavam quentes,  
Tinham bebido uma pinguinha.*

*Pode talvez não ter muita graça  
E não vou fazer nenhuma troça  
Mas parece que um copo de cachaça  
Lhes dava a eles muito mais força.*

*Começando todos a trabalhar  
Antes pudesse nascer o sol,  
Todos iam milho apanhar  
Até encher o primeiro lençol.*

*Às vezes se faziam apostas  
De maneira bem sentimental  
Para pôr o lençol às costas  
Sem a ajuda do pessoal.*

*Certamente só se fazia isso  
Quando tinha lá raparigas;  
Alguém até já me disse  
Que chegava a haver brigas.*

*Certos terrenos faziam combro  
Com alguma estrada principal;  
O milho era carretado ao ombro  
Para que ficasse perto do portal.*

*Podia vir um carro de bois  
Ou até mesmo um camião  
Carregava-se eles os dois  
E era tudo carregado a mão.*

*Trazia-se o milho para casa  
Se punha num cafugão;  
À noite se acendia a brasa  
Para torrar favas para o serão.*

*Vinha então a vizinhança  
Vinha o pai e vinha o filho  
Vinha o velho e a criança  
Todos para o serão do milho.*

*Não havia rádio nem televisão  
Não se pensava em tais glórias,  
Mas passava-se um lindo serão  
Cantando e ouvindo histórias.*

*Vai ser melhor parar por aqui  
Isto é uma história muito grande  
Agora vou dar a vez também a ti  
Espero que isto para a frente ande  
Mas estas coisas eu não esqueci  
Nem esqueço mesmo que me mande.*

António "Mintoco"

## O dia de apanhar o trevo

---

(Em resposta ao Mintoco)

*Arrisco aqui vos contar  
Tal como o amigo Mintoco  
Como era o apanhar  
Do trevo que nem era pouco.*

*Nos meus tempos de menina  
Quando o sol se alevantava  
Mesmo que fosse em surdina  
Pela Rosa já se chamava.*

*Na casa não havia rapazes  
Apenas duas irmãs  
Uma avó, mãe e pai audazes  
Em tais esbeltas manhãs.*

*Por mim não gostava nada  
Do assento que engendravam  
Saca de lona atulhada  
De folhas de milho que secavam.*

*Ia-se, então, muito cedo,  
Para aquela imensidão  
De trevo que metia medo  
Todo apanhado à mão.*

*Mesmo com a mão dorida  
Tínhamos de tudo apanhar  
Para logo de seguida  
O deitarem a secar.*

*Eram tantas as bolotas  
Tanta puxa daqui e dali  
Que até se tiveram as botas  
Esfalfados de estar ali.*

*Nesta azáfama medonha  
Iam Maria e a Alexandrina,  
Que diziam que a cegonha  
Tinha trazido esta menina.*

*Elas riam e brincavam,  
Comigo à força toda  
Quanto mais trevo apanhavam  
Mais alegre era a boda.*

*Eu chamava-as das "titias"  
Eram primas colaterais  
Visitava-as todos os dias  
Através dos nossos quintais.*

Este tempo de criança  
Ficou na minha memória;  
Hoje perco a esperança  
De voltar a esta glória.

As bolotas daquele trevo  
Apanhadas uma-a-uma  
Estão gravadas no que escrevo,  
Nas entrelinhas, em suma.

Do trevo não tenho saudades  
Nem tão pouco de acordar cedo

Das tias e suas amizades  
Saudades é de meter medo!

Com elas aprendi tanto,  
A passar ponto em lençóis  
E muito do seu encanto  
Só o percebi depois.

Mintoco fico obrigada,  
Por me fazeres recordar  
O tempo quando fui nada  
Com tarefa salutar.

Agora na despedida  
Destes versos em resposta  
Deus te dê saúde e vida  
Como toda a gente gosta;  
No meu blog tens guarida  
Sempre com tua arte exposta.

## Mãe, Maternidade

---

Com os anjos de Deus a seus pés  
E o Cristo na palma da mão  
Na ternura, que não tem revés,  
Acolhendo um olhar de irmão.

Conhecida pela Mãe de Boa Hora,  
Coroadada de doce harmonia,  
É tão doce a Nossa Senhora  
No altar onde está dia-a-dia.

Eu pergunto, então, sem pavor  
Porque andam os homens avessos,  
Ao mais belo e puro amor?!

A resposta vem na intimidade  
Da escrita que sai, sem tropeços,  
À imagem da Maternidade.

# Caminhos de outrora, no tempo da eira

---

Ainda o sol não era nado, levantavam da cama e rezavam nem que fosse no íntimo de quatro paredes. Tomavam uma boa maquia de leite com pão de milho esmiolado e quiçá algum tónico para a viagem de uns rodados que cantavam pelo caminho um hino à natureza.

Primeiro tinham que colocar o carro nos eixos, cangar as vacas (ei vaca pra diênte...), a aguilhada em riste, o chapéu de palha, e ala que se faz tarde, mesmo que a manhã fosse aurora...

Chegavam ao cerrado e toca de arrancar o produto que a terra fizera graúdo e amontoar no carro, amarrando bem para nada se perder no regresso à eira. Eis que, na eira, se dispunha o feijão, o tremoço ou as favas, conforme a época, para depois se seguirem as operações ritmadas de um trabalho sempre igual e de sustento para muita gente.

Malhar com o mangual, tirar a palha já sem o grão, juntar para um monte, joeirar e/ou aventar para que o grão ficasse limpo de quaisquer impurezas nefastas. No fim, enchiam-se sacas de lona, baldes e outros utensílios que resguardassem o produto da terra até que fosse o dia de escolher, em cima da mesa, grão a grão, tirando ainda alguma impureza que o vento não levara.

Ainda me lembro de malhar, joeirar e escolher feijão amarelo (o que gosto mais) para depois ser servido. No caldeirão de ferro fundido, com um bom refogado, com tempero saudável, uns nacos de bacon e outros ingredientes de porco que permaneciam armazenados na salgadeira, linguiça em rodelas, e o sagrado feijão amarelo, que era de comer e chorar por mais... Tinha um sabor que ainda retenho no paladar acostumado ao tempero caseiro...

Não tenho esse dom de boa cozinheira mas ainda lembro o cheiro que pairava no lar de uma chaminé que não consentia em segredos: pelos orifícios voltados ao céu, saíam fumos e cheiros inconfundíveis que percorriam os ares até se juntarem com outros das vizinhanças quase iguais, dependendo da mão que os temperava.

Ao escrever estas lembranças não muito longínquas, fico pasmada no tempo que isto era o feijão-nosso-de-cada-dia e, na altura, não me causava tanto espanto... Hoje, ao ver as relíquias em imagem desbotada pela neblina de gavetas, fico como que numa saudade... Não tanto do feijão (o amarelo!!) mas daqueles cujas mãos ficavam grosseiras e santas por salvarem a vida da família com a sua produção, sem taxas ou impostos...

Por tudo isto, louvo, do fundo do coração, todos os antepassados que não mediram esforços e zelaram pela terra que Deus lhes destinou e jamais a desprezaram, para bem de todos os descendentes.

O Chico e o Manuel Raimundo, a Belmira, a Maria e a Alexandrina Raimundo, o Carlos "picaroto", a Matilde (mesmo doente), a Alexandrina Cota, o meu avô Manuel Gonçalves (que morreu tinha eu 2 meses), todos já falecidos mas jamais esquecidos por esta que se assina de

Rosa Silva ("Azoriana")

2012/08/12



# Dádiva

---

O QUE VOS DOU

FECHADA ENTRE QUATRO PAREDES,  
CONFORME ASSIM O QUIS  
VEJO-ME METIDA EM REDES  
ONDE TUDO SE DISSE OU DIZ.

FECHADA ENTRE QUATRO PAREDES  
Revelar os males ou dores,  
As agruras ou as sedes,  
Não é fácil meus senhores.

Trabalho em isolamento  
CONFORME ASSIM O QUIS  
Estou melhor neste momento  
Tanto que já dei e fiz.

Muito de mim até vedes  
Correndo nas entrelinhas...  
VEJO-ME METIDA EM REDES  
Onde estão criações minhas.

Porém não sei hora ou dia  
De deixar minha raiz;  
Dei de mim o que queria  
ONDE TUDO SE DISSE OU DIZ.

2012/08/10 (noves fora, cinco... o número que gosto.)

## Se me perguntam: - De onde és?

---

A tendência natural  
Que talha o ser humano  
É o sítio original  
Onde se fez o seu plano.

O nosso berço por norma  
Prima naturalidade  
Mesmo mudando de forma  
É nossa identidade.

À pergunta: - De onde és?  
Balança meu pensamento  
Porque da cabeça aos pés  
Serretense me acalento.

Até Julho de oitenta e cinco,  
Tive lá meus horizontes  
E relembro, com afincos,  
Volta e meia os seus montes.

A farinha do moinho;  
Pico Maria da Costa;  
Silvados e o passarinho  
Do chilreio que se gosta.

Das silvas vinham amoras  
Negras e tão luzidias  
Que me alegravam as horas  
Da frieza de alguns dias.

Os valados da ternura;  
Os cerrados produtivos;  
A lembrança da fartura,  
Enquanto os pais foram vivos.

Dos Altares pra Santa Luzia,  
São Pedro e Corpo Santo,  
Pra todo o lugar que ia  
Serreta era o meu Canto.

Novembro, dois mil e oito,  
Em São Pedro novamente,  
Num lugar que é mais afoito  
À rima que me vem rente.

Folhadais é a Canada,  
De São Carlos o Lugar,  
Que julgo não tarda nada  
Ao Divino vai orar.

Deseja ser freguesia,  
A vigésima da Terceira,  
E alegre se fazia  
Tecer a nova Bandeira.

Para dizer com franqueza  
E convicta do que digo:  
O berço, por natureza,  
É o cheirinho amigo.

E feliz fui no meu canto,  
Mesmo com algum desnorte,  
Também fui no Corpo Santo  
E talvez na minha morte  
Se da Serreta um tanto  
Do fim seja a minha sorte.

Se não for essa a sina  
Nem o bem que eu desejo  
Acato o que Deus destina  
Com um abraço e um beijo...  
Serreta sempre menina  
De caracóis eu a vejo.

## Serreta, serra pequena

---

Serreta, serra pequena,  
Uma flor posta no altar  
Um lírio na paz serena  
Que borda cada olhar.

A Serreta vos convida  
Com a maior alegria  
À Festa que dá guarida  
A quem ama a freguesia.

Freguesia de louvores,  
De fé e grande devoção,  
Da Terceira dos Açores  
Santuário de Oração.

Dos Milagres, Nossa Senhora,  
Por tantos é visitada;  
Humilde na sua aurora,  
Pelos devotos amada!

## Cai a noite de mansinho

---

Cai a noite de mansinho  
Na toada do caminho  
Que se veste de musicais  
Pausa a visão nublada  
Para se olhar a rosada  
Nas linhas intemporais.

A imagem suaviza  
A saudade que desliza  
Batendo ao coração  
Intervalo da miragem  
Que abre nesta paisagem  
Uma breve oração.

Que Deus sempre te guie  
E cada fardo alivie  
Nos caminhos desta vida  
Que haja paz e amor  
Alegria no Redentor  
Com a Sua Mãe querida.

## Entre laços, luzes e fitas

---

Há canções tão bonitas  
Que o Natal ressuscita  
Entre laços, luzes e fitas  
Faz a quadra favorita.

A terra se ilumina  
E festeja o Redentor  
Puro de graça divina  
Verdade, luz, vida e amor.

Pede-se tanta coisa a Ele  
Entre cânticos natalícios  
Pois toda a gente vê nele  
O Rei de tantos ofícios.

Dedilhando a guitarra  
E nossa viola da terra  
A palavra não se amarra  
Solta-se do mar à serra.

Solta-se também a voz  
Nos terreiros da alegria  
Festeja-se Deus entre nós  
S. José e a Virgem Maria.

São momentos joviais  
Alegrias renascidas  
Crianças entre os demais  
São estrelas coloridas.

# Feliz Natal

---

Que o nosso Natal seja  
Uma beleza de alma  
Em cada lugar se veja  
A estrela que nos acalma.

Que os lares mundiais  
Tenham Paz nesta altura  
Que as trovas dos jograis  
Incendeiem de ternura.

Que a gente se anime  
E o Natal sempre mime  
Na consoada feliz

Reúna em cada lar  
Alguém que queira ajudar  
A levantar o País.

## Trovas

---

Belas são muitas das trovas  
Disso quase não se dúvida,  
São elas que tiram provas  
Às belezas desta vida.

Rosa Silva / AH

## Ó brava PIPA!

---

Anda à roda o vinho de cheiro  
Numa pipa bem ornada  
Quem vir o fundo primeiro  
Não consegue ver mais nada.

Anda à roda ó pipa boa  
Para todo o vinhateiro  
Alegras toda a pessoa  
Que te prova por inteiro.

Roda, roda, minha amiga,  
Que a uva é tua patrona  
Ao cheiro duma cantiga.

Roda, roda, sem parar,  
A folia vem à tona  
Ao redor do teu rodar.

## Velha medonha

---

Anda uma velha medonha  
Mal se levanta da fronha  
Com sentido em trabalhar  
Já tratou do Oliveira  
Se presa toda festeira  
Para a uva vindimar.

Mal se abaixa coitadinha  
Fica tudo em alvoroço  
Parece uma sardinha  
E só se vê pele com osso.